

# Funcionamento semântico-lexical: discussão crítica com base em dados de situações dialógicas com sujeitos afásicos

(Lexical-Semantic functioning: a critical discussion based on data from dialogical episodes with aphasic subjects)

Rosana do Carmo Novaes Pinto<sup>1</sup>; Thalita Cristina Souza Cruz<sup>2</sup>

<sup>1,2</sup>Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

ronovaes@terra.com.br; thalita.souza.cruz@gmail.com

**Abstract:** This article presents a discussion on two usually related phenomena in aphasia: word finding difficulties (WFD) and production of paraphasias. We first introduce the Lurian neuropsychological approach, in order to show how this author understands the complexity of lexicon, more specifically of “words”. Afterwards, we bring the contributions of Linguistics, mainly the theories which conceive words in the context of real utterances production. In order to address the theme and provide analysis which strengthens the social-cultural approaches of lexicon, we present three data of dialogical episodes in which WFD and production of paraphasias occur. We believe these data may help us understand the processes of searching/selecting and combining linguistic units in pathological and non-pathological contexts.

**Keywords:** aphasia; paraphasia; lexical access; neurolinguistics; qualitative approach.

**Resumo:** Este artigo apresenta uma discussão sobre dois fenômenos comumente associados nas afasias: a dificuldade para encontrar palavras e a produção de parafasias. Primeiramente apresentamos a abordagem neuropsicológica luriana, visando a mostrar como esse autor entende a complexidade do léxico, mais especificamente das “palavras”. Em seguida, trazemos as contribuições da Linguística, em especial das teorias que concebem as palavras no contexto da produção de enunciados reais. Para abordar o tema e prover análises que fortaleçam as abordagens socioculturais do léxico, apresentamos três dados de episódios dialógicos nos quais as dificuldades para encontrar palavras e a produção de parafasias ocorrem. Acreditamos que esses dados possam nos ajudar a compreender os processos de busca/seleção e combinação de unidades linguísticas em contextos patológicos e não patológicos.

**Palavras-chave:** afasia; parafasia; acesso lexical; neurolinguística; abordagem qualitativa.

## Introdução

A reflexão aqui apresentada respalda-se nas teorias sócio-histórico-culturais (VYGOTSKY, 1984; LURIA, 1981, 1986; BAKHTIN, 1997; FREITAS, 2010) e, mais especificamente, em pesquisas relativas às alterações de linguagem nas afasias<sup>1</sup> que vêm sendo desenvolvidas no âmbito dos estudos neurolinguísticos de orientação enunciativo-discursiva (COUDRY, 1988 [1986],<sup>2</sup> 1996, 2002; COUDRY; MORATO, 1990; NOVAES-

1 Afasias são alterações de linguagem que decorrem de lesões cerebrais causadas por AVCs, traumatismos crânio-encefálicos, tumores, dentre outras possíveis causas, e podem comprometer tanto os processos de produção quanto os de interpretação da linguagem (COUDRY, 1988 [1986]). Alguns trabalhos consideram “afasia” também as alterações decorrentes de lesões difusas (como no caso das demências), ou ainda em casos de epilepsias, dentre outras.

2 Como texto de Coudry inicia os estudos em Neurolinguística nessa perspectiva, o ano de 1986 se refere à defesa de sua tese de Doutorado e o de 1988, à publicação do livro, com o mesmo título: *Diário de Narciso: afasia e discurso*. Por essa razão mantemos, ao longo do artigo, as duas datas.

-PINTO, 1999, 2004, 2007, 2009, 2011). Destacamos, para discussão neste artigo, dois fenômenos frequentemente relacionados, tanto nos casos das afasias referidas na literatura neuropsicológica como *anteriores* (motoras, não-fluentes, de Broca), como nas *posteriores* (sensoriais, fluentes, de Wernicke)<sup>3</sup>: i) as dificuldades para encontrar palavras<sup>4</sup> e ii) a produção de parafasias fonológicas ou semânticas.

A análise desses fenômenos contribui para a compreensão acerca do funcionamento lexical e da sua organização em redes semânticas (LURIA, 1986; NOVAES-PINTO, 2009) e, por essa razão, tem havido um crescente interesse pelo tema nas áreas abrigadas sob o rótulo de “neurociências”, dentre as quais a Neurolinguística e a Neuropsicologia. Esta, sobretudo, tem recorrido aos resultados de experimentos com *neuroimagem* (com destaque para a Ressonância Magnética Funcional), que, de acordo com Novaes-Pinto (2009, p. 975), “se estabelece no século XXI como o instrumento mais respeitado para revelar *verdades* acerca do funcionamento cerebral”, afirmação feita pela autora quando chama a atenção para os limites dessa metodologia, analisando criticamente os resultados das pesquisas realizadas, nas quais o léxico é compreendido de forma redutora, como uma “lista de palavras” ou como “dicionário mental”.<sup>5</sup>

A hipótese de que o léxico esteja organizado em “categorias específicas” vem ganhando força nas duas últimas décadas. Essa ideia corresponderia a dizer, nas teorias linguísticas, que as palavras se organizam sob um hiperônimo. Assim, *laranja, banana e uva* estariam organizadas sob o item lexical mais genérico *frutas*, enquanto *trem, ônibus, carro e avião* se relacionam semanticamente sob o termo *transportes*. Entretanto, na neuropsicologia, isso não seria apenas uma abstração teórica para compreender a relação entre as palavras, pois estas teriam também uma representação neuropsicológica ou neurofuncional. Com base nessa hipótese, foram desenvolvidos vários testes neuropsicológicos para avaliar como essas relações poderiam estar alteradas nas patologias – sobretudo nas afasias e demências – o que permitiria inferir sobre a organização semântico-lexical nos estados não-patológicos. Os resultados obtidos nas baterias de avaliação neurocognitiva, associados aos dados de neuroimagem, têm subsidiado o desenvolvimento de modelos de acesso/organização/processamento lexical.

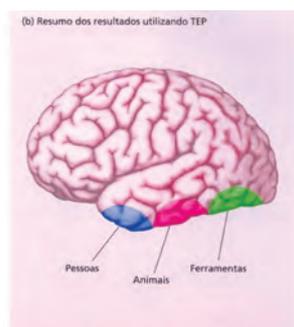
A figura a seguir sintetiza as hipóteses mais vigentes, que apontam para o papel de algumas áreas cerebrais, com substratos neurais delimitados do lobo temporal, com relação à organização semântico-lexical:

---

3 Sobre uma análise crítica da semiologia das afasias, consultar Novaes-Pinto (1999), Novaes-Pinto e Santana (2009a e 2009b) e Morato (2011).

4 As dificuldades para encontrar palavras são referidas frequentemente na literatura em inglês, e mesmo em outras línguas, como WFD (*Word-finding difficulties*).

5 Coudry (1988 [1986]) critica as reduções na abordagem dos fenômenos linguísticos, que favorecem modelos teóricos abstratos, formulados a partir do *método científico*. As análises são centradas nos recursos do sistema formal da língua (fonemas, palavras, orações) e os resultados são validados estatisticamente. São descartadas as condições de produção dos enunciados – como fatores pragmáticos e discursivos – bem como as variações individuais, próprias do funcionamento linguístico-cognitivo. A “higienização” da linguagem, que elimina todas as marcas de subjetividade, se dá em nome da cientificidade no campo de saber.



**Figura 1: representação esquemática da organização lexical em categorias específicas, que resume resultados obtidos com TEP6**

As teorias neuropsicológicas tradicionais (mesmo as de cunho localizacionista) não afirmam, em geral, que o léxico (ou qualquer outra categoria gramatical) esteja “localizado” em áreas cerebrais delimitadas, como um arquivo ou depósito; entretanto, defendem que há substratos neurais específicos que participam de forma decisiva no “processamento linguístico” de diferentes categorias gramaticais (verbos, substantivos, preposições etc.), enquanto outros seriam responsáveis por funções ainda mais especializadas dentro de uma mesma categoria – como a organização dos substantivos em categorias semânticas específicas (DAMASIO, A.; TRANEL, 1993; DAMASIO, H. et al., 1996, 2004; TRANEL, 2001, 2003a, 2003b, 2005; TRANEL; KEMMERER, 2004; KEMMERER; TRANEL, 2002).<sup>7</sup> Mesmo com essa ressalva, acreditamos que tal compreensão derive de concepções redutoras de *léxico* – que caracterizam as abordagens neuropsicológicas e neurolinguísticas tradicionais (NOVAES-PINTO, 2009, 2011) – e também dos limites *metodológicos* das pesquisas desenvolvidas com a aplicação dos testes metalinguísticos e com o uso da neuroimagem.<sup>8</sup>

Respaldamo-nos, para discutir essas questões, em duas fontes: i) na Neuropsicologia luriana e ii) nas teorias *linguísticas* sobre o léxico, que apresentam alternativas teórico-metodológicas compatíveis entre si e mais abrangentes com relação à visão tradicional, considerando o léxico em sua complexidade inerente.

Em seguida, procedemos a uma análise microgenética<sup>9</sup> de dados de dois sujeitos afásicos – JM e MG – nos momentos em que se deparam com dificuldades para encontrar

6 TEP se refere à Tomografia por Emissão de Pósitrons, uma técnica de neuroimagem bastante recorrente nas pesquisas científicas nas neurociências.

7 Esses são apenas alguns exemplos de trabalhos desenvolvidos nessa perspectiva. Os títulos desses artigos, que constam das Referências, dão uma ideia de como as categorias linguísticas estão sendo relacionadas a substratos neurais delimitados e a categorias semânticas específicas.

8 De forma bastante simplificada, no caso da RMf, que é uma das mais utilizadas nas pesquisas, é possível “ver” as áreas cerebrais mais convocadas para a realização de uma determinada tarefa. Isso ocorre porque tais áreas demandam um aumento dos níveis de oxigênio no cérebro, provido pelo fluxo sanguíneo. A imagem obtida, entretanto, não é uma “fotografia” do cérebro, no momento exato em que a tarefa é realizada. Há, segundo os especialistas, um *delay* entre o tempo real e o tempo em que a imagem é visualizada e que as informações são processadas. É relevante também mencionar que, durante a realização do exame, o sujeito/paciente deve ficar imóvel, podendo no máximo mover um dedo para apertar um botão. Ele deve “pensar” na palavra, por exemplo, durante o teste. Não pode produzi-la oralmente. Além disso, as imagens têm também a interferência de variáveis individuais, anatômicas, sobretudo com relação ao calibre de veias e artérias, por exemplo.

9 Análises microgenéticas consistem na busca de *indícios* ou pistas dos processos subjacentes. Inicialmente postuladas por Vygotsky, têm sido adotadas pelas pesquisas sócio-histórico-culturais, uma vez que é necessário se buscar a gênese dos processos e detectar as mudanças ocorridas ao longo dos processos. Para uma reflexão mais aprofundada sobre este tema, consultar Góes (2000).

palavras ou quando produzem parafasias, metodologia que nos permite inferir sobre a organização semântico-lexical na linguagem *em funcionamento*, em situações efetivas de uso social, compatível com os princípios teórico-metodológicos da Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva.

### **A organização das redes semânticas na perspectiva luriana**

Baseando-se nos postulados de Vygotsky (1984), Luria define a linguagem como a mais complexa dentre as funções superiores, fundamental para o desenvolvimento de todas as demais. Trata-se de um *sistema complexo de códigos*, formado no curso da história social; é a linguagem que permite ao homem solucionar problemas, transformar o ambiente externo a seu favor e tornar possível a comunicação e a transmissão de suas experiências. A *palavra*, segundo Luria (1986), é o elemento fundamental da linguagem, por meio da qual o sujeito designa os objetos do mundo e individualiza suas sensações. É justamente nessa concepção de linguagem e de *palavra*, numa perspectiva sócio-histórico-cultural, que ancoramos nossa reflexão crítica sobre o funcionamento semântico-lexical, uma vez que o autor incorpora, nos seus estudos dos processos neuropsicológicos, a *intersubjetividade*. A seguinte citação explicita a complexidade do conceito de *palavra* e, ao mesmo tempo, o relaciona aos traços subjetivos:

[...] a palavra não somente gera a indicação de um objeto determinado, mas também, inevitavelmente, provoca a aparição de uma série de enlaces complementares, que incluem em sua composição elementos de palavras parecidas à primeira pela situação imediata, pela experiência anterior, etc.<sup>10</sup> Sendo assim, a palavra *jardim* pode evocar involuntariamente as palavras *árvores, flores, banco, encontro, etc.* e a palavra *horta*, as palavras *batata, cebola, pá, etc.* Deste modo, **a palavra converte-se em elo ou nó central de toda uma rede de imagens por ela evocadas e de palavras “conotativamente” ligadas a ela.** Aquele que fala ou que escuta contém, inibe, toda esta rede de palavras e imagens evocadas pela palavra, para poder escolher o significado imediato ou denotativo necessário no caso ou situações dadas. (LURIA, 1986, p. 35, grifos nossos)

Outra passagem do mesmo texto, que julgamos relevante transcrever, nos revela que Luria, assim como concebe o cérebro e cada uma das funções superiores como sistemas complexos, entende que cada aspecto da organização linguística seja também um sistema funcional complexo, já que cada *palavra* é “um sistema de enlaces sonoros, situacionais e conceituais”:

Se cada palavra evoca um campo semântico, está unida a uma rede de associações que aparece involuntariamente, é fácil verificar que a recordação de palavras ou a denominação de objetos de nenhuma forma é a simples atualização de uma palavra. Tanto a recordação de uma palavra como a denominação de um objeto são um processo de **escolha da palavra necessária dentre todo um complexo de enlaces emergentes e ambos os atos são, por sua estrutura psíquica, muito mais complexos do que se costumava acreditar.** (LURIA, 1986, p. 88, grifos nossos)

O trecho acima nos remete à reflexão sobre as dificuldades dos sujeitos com afasia para nomear, principalmente no contexto de realização de tarefas metalinguísticas. Luria

---

10 Luria desenvolve essa reflexão baseado nos trabalhos de Reese (1962), Noble (1952) e outros.

também se refere a esses fenômenos em outra passagem, quando fala sobre as dificuldades para encontrar palavras:

[...] o campo semântico manifesta-se com toda evidência nos **fenômenos amplamente conhecidos na literatura psicológica de dificuldades de recordar palavras, estados nos quais a palavra procurada encontra-se como se estivesse na ponta da língua** (o conhecido *tip of the tongue phenomenon*, descrito por Brown e McNeill, 1966) ou quando a palavra procurada é substituída por outra, tomada do campo semântico comum. (LURIA, 1986, p. 37, **grifos nossos**)

A palavra, portanto, é uma rede potencial de enlaces multidimensionais”.<sup>11</sup> Enquanto nos sujeitos sem patologias os enlaces sonoros sejam quase sempre inibidos, em benefício de enlaces mais essenciais, de natureza semântica, segundo Luria “como consequência da riqueza de enlaces situacionais e conceituais” (1986, p. 82), nas patologias as forças inibitórias se igualam às forças de estímulo (ou são ainda mais fracas). Isso explicaria a dificuldade para o sujeito selecionar, dentre as palavras possíveis, aquela adequada ou desejada. A mesma dificuldade que o sujeito encontra para nomear, que pode levá-lo a uma *anomia* (não nomeação), parece estar também na base da produção de *parafasias*, compreendidas como as trocas – de um som por outro (neste caso, fonológicas) ou de uma palavra-alvo por uma palavra ligada à primeira por seu significado (com motivação semântica). Segundo Luria (1986), sempre haverá uma motivação para a troca, tanto em sujeitos normais quanto em sujeitos com alguma patologia. O trecho a seguir explicita melhor a questão da relação entre o estado (patológico ou não) do sujeito e a produção das parafasias, por sua vez relacionado à concepção de palavra do autor, como um elemento fundamental e complexo da língua:

A recordação da palavra necessária perde sua seletividade. No lugar da emergência seletiva exata da palavra necessária conforme um traço semântico determinado, surgem com igual probabilidade todas as palavras parecidas à procurada por traços sonoros, situacionais ou conceituais [...]. Consequentemente, podemos dizer que a palavra não é uma simples designação de objeto, ação ou qualidade. **Por trás da palavra não há um significado permanente: há sempre um sistema multidimensional de enlaces.** (LURIA, 1986, p. 90)

Dedicamos-nos, até este ponto, a apresentar algumas das questões colocadas por Luria acerca de como o autor entende o conceito de *palavra*. A partir deste momento, passamos a destacar reflexões feitas por autores, no âmbito da Linguística, que se dedicam a compreender o funcionamento lexical em perspectivas compatíveis com os pressupostos das teorias sócio-histórico-culturais.

## Os estudos linguísticos sobre o léxico

No campo dos estudos linguísticos, apoiamo-nos nas teorias de autores como Basilio, que enfatiza a complexidade de regras semântico-sintáticas na formação do léxico. Apesar de tratar-se de “uma unidade linguística básica, facilmente reconhecida por falantes em

---

<sup>11</sup> Luria enfatiza a importância dos métodos associativos para o estudo da organização das redes semânticas e esclarece que medir a velocidade de reação também pode dar indícios de sua organização, uma vez que palavras mais complexas e a troca entre uma palavra-alvo (aquele que realmente quer-se produzir) e uma outra palavra, ligada à primeira por um som ou por seu significado, levam mais tempo para que se acesse uma palavra associada.

sua língua nativa” (BASILIO, 1995, p. 25), a palavra é uma unidade bastante difícil de definir. Mais do que um *depósito de signos* ou uma *lista de entradas lexicais*, o léxico é constituído por um conjunto de regras que definem a classe das palavras possíveis na língua. Nos seus diferentes eixos, segundo ela, o conceito de palavra sempre constituiu um problema para gramáticos e linguistas. Basilio entende a *palavra* como um elemento de que dispomos permanentemente para formar enunciados (1995, p. 5), aproximando-se do que afirma Abaurre (2006, p. 56), para quem a palavra é “a unidade linguística de som e significado que entra na composição dos enunciados da língua”.

Outra referência para nossa reflexão, mais relacionada à filosofia da linguagem, é Bakhtin (1997 [1929]), autor que concebe a palavra como um dos recursos da língua que são mobilizados pelos sujeitos para a composição dos enunciados reais e concretos. Tanto a aquisição do léxico, quanto sua estrutura gramatical, que constituem a língua materna, são elementos que não aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, mas “mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam” (BAKHTIN, 1997 [1929], p. 301).<sup>12</sup>

Recorremos também ao trabalho de Nunes (2006), que aborda o léxico discursivamente<sup>13</sup> e que chama a atenção para uma espécie de *renascimento* de seu estudo, provocado pelo interesse de várias áreas de natureza interdisciplinar – dentre as quais a Neurolinguística. Segundo ele, léxico, sintaxe e enunciação estão intrinsecamente ligados no discurso. Afirma que a abordagem do campo lexical deve pressupor a existência da polissemia, das contradições, das ambiguidades, dos efeitos de sustentação e de silenciamento, “enfim, de tudo aquilo que caracteriza o campo lexical como uma série de fatos sociais” (NUNES, 2006, p. 156) e deve considerar, portanto, a relação constitutiva entre língua, sujeito e história.

Os pressupostos descritos sinteticamente acima – tanto os afirmados por Luria, como os defendidos na perspectiva linguística – orientam nossas pesquisas acerca do funcionamento lexical no campo dos estudos neurolinguísticos. Passamos a apresentar, a seguir, dados referentes à produção oral de dois sujeitos afásicos – JM e MG – nos quais os fenômenos que nos interessam neste artigo – a dificuldade para encontrar palavras e a produção de parafasias – estão em evidência. As práticas dialógicas que ocorrem nas sessões do CCA (Centro de Convivência de Afásicos) e mesmo nas sessões de acompanhamento individual, têm como base a *interação* entre afásicos e não-afásicos, que entendemos como sendo os *parceiros da comunicação verbal* (cf. BAKHTIN, 1997 [1929]) no contexto do trabalho realizado.

---

12 Segundo o autor, “aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é óbvio, por palavras isoladas)” (BAKHTIN, 1997 [1929], p. 301).

13 O autor se refere ao campo de estudo nessa perspectiva como Lexicologia Discursiva.

## Dados de dois sujeitos afásicos em interações dialógicas

Passaremos, a partir de agora, a apresentar e discutir três dados produzidos por dois sujeitos afásicos. Os dois primeiros (Dados 1 e 2) são de JM<sup>14</sup> e o terceiro, de MG.<sup>15</sup>

Iniciamos com um dado do sujeito afásico JM (Dado 1), relativo a um episódio dialógico que ocorreu em 02/06/2010, quando realizávamos uma atividade na sessão coletiva do Grupo III do Centro de Convivência de Afásicos (CCA),<sup>16</sup> cujo objetivo era o de completar provérbios que apareciam nos cartões de um jogo.

### Dado 1: Em briga de marido e mulher, ninguém mete... o garfo

Turno	Sigla	Transcrições	Observações
1	Irn <sup>17</sup>	Em briga de marido e mulher... ninguém... ninguém mete a... faz o gesto pra mim, do objeto que completa... Ninguém mete ...	
2	JM	Tomando café...	
3	Irn	Tomando café? Às vezes a gente usa pra tomar café... que que é? É faca?	Rindo
4	JM	Não::	
5	Irn	Que que é? Ó... tem que rimar:: . Em briga de marido e mulher, ninguém mete a ....	
6	JM	refe ga:: fo:::	
7	Irn	Garfo? Não é o garfo.	Todos riem
8	JM	É... mai:: lá::	Faz um sinal com a mão, indicando “mais ou menos”
9	Irn	O que que se usa pra tomar sopa?	
10	JM	Hein?	
11	Irn	Que que usa pra tomar sopa?	
12	JM	Gar... é:: co...	Pausa, tentando buscar a palavra
13	Irn	Colher... em briga de marido e mulher, ninguém mete a...	Mostra a palavra escrita
14	JM	Colher!	
15	Irn	Colher...	Sorrindo
16	JM	Essa aí eu::;	apontando para si mesmo, indicando que não sabia

14 **JM** é brasileiro, casado, tem 64 anos e é metalúrgico aposentado. Sofreu um AVC isquêmico na região têmporo-parietal esquerda em agosto de 2008, passando a apresentar alterações que podem ser caracterizadas como afasia de expressão, predominantemente não-fluente. Na oralidade, apresenta dificuldades para encontrar palavras (seleção) e produção de parafásias. Apresenta também perseveração na escrita. Participa do Grupo III do CCA desde dezembro de 2008.

15 **MG** é brasileiro, casado, tem 53 anos e é analista de informática aposentado. Teve um AVC isquêmico em 2009 e em consequência desse episódio apresenta uma afasia que pode ser caracterizada como fluente. Sua principal dificuldade é a de encontrar palavras, o que o leva a produzir enunciados com muitas parafásias (principalmente semânticas). Frequenta o Grupo III do CCA desde fevereiro de 2011.

16 O Centro de Convivência de Afásicos (CCA) localiza-se no IEL (Instituto de Estudos da Linguagem)/UNICAMP e foi fundado por iniciativa do IEL e da Faculdade de Ciências Médicas (FCM)/UNICAMP. Atualmente, conta com três grupos constituídos por sujeitos afásicos e não-afásicos.

17 Nas transcrições dos episódios dialógicos, os sujeitos afásicos são referidos por duas letras maiúsculas (JM e MG). Os pesquisadores são referidos por I (investigador), seguido por duas letras minúsculas que os identificam.

Na interação acima descrita, ao tentar selecionar e produzir “colher”, para completar o provérbio, JM se refere, primeiramente, a um atributo do objeto, quando diz “tomando café” (Turno 2). Podemos pensar que, talvez, a palavra *café* tenha sido produzida em lugar de, por exemplo, *sopa*.<sup>18</sup> JM segue buscando a palavra desejada e acaba por produzir outra parafasia, também com relação semântica – *garfo*.

Porém, antes de dizer *ga::fo*, ele diz: *refe...* (Turno 6), o que poderia se referir ao início da palavra *refeição*, também ligada ao contexto semântico de *garfo*, *colher*, *faca*. JM percebe que a palavra efetivamente produzida não é aquela que ele deseja e, rapidamente, seleciona outra. Quando Irn pergunta o que se usa para tomar sopa, ele repete *garfo*, mas logo em seguida produz *co...* (Turno 12) e faz uma longa pausa. Irn mostra a palavra *colher* escrita no cartão do jogo e a diz (Turno 13). JM, após ler a palavra, consegue produzi-la. Neste dado, todas as trocas realizadas parecem envolver um enlace semântico claro em relação à palavra-alvo.

Processos semelhantes ocorrem no dado seguinte (Dado 2), como veremos. Nesse episódio, o sujeito JM está em sessão individual com a fonoaudióloga e duas estagiárias de Fonoaudiologia. A atividade proposta pelas estagiárias era que ele lesse a palavra que lhe foi apresentada em um cartão e, em seguida, desse pistas para a fonoaudióloga (que não sabia que palavra era) para que esta adivinhasse.

**Dado 2: Corinthians... Eu queria falar esse nome e agora...**

Turno	Sigla	Transcrições	Observações
1	JM	Ce:... é... San...S:...	
2	Fono	Com gesto...	Pedindo que não verbalizasse
3	JM	É como... com... é aí...	Gesto de vitória com as mãos
4	Fono	Grande?	
5	JM	É... É... Zin... zin...	Sinal negativo com a cabeça
6	Fono	Me fala, eu tenho que tentar adivinhar...	
7	JM	<b>Zanclair. Zanclair! Quem falou Zanclair?</b>	Nervoso
8	Estagiária 1	É alguma coisa de futebol, isso? O que que é?	
9	JM	<b>É. Zanclair. Não! Zanclair!</b>	
10	Fono	Zanclair? Zanclair... Ele é um torcedor? É um torcedor?	
11	JM	Ele é.	Gesto de positivo com a cabeça
12	Estagiária 2	Ele torce pra esse aqui também?	
13	JM	Bastante!	
14	Irf	Ah... é um time?	
15	JM	<b>É... Iraci... não...</b>	Iraci é a esposa de JM.

18 Infelizmente, neste momento, a câmera não estava voltada só para JM e não se pôde observar se ele fazia algum gesto referente a tomar café ou sopa.

16	Irf	A Iraci torce pra esse time?	
17	JM	Não...	Negativa com a mão e com a cabeça
18	Irf	Você torce?	
19	JM	Uhum!	Sinal positivo com a cabeça
20	Fono	Então é o Corinthians?	
21	JM	<b>Zanclair!</b>	Fazendo sinal positivo com a cabeça
22	Fono	Corinthians?	
23	JM	<b>Zan... num... não!</b>	Fazendo sinal negativo com a cabeça e mão
24	Fono	Sr. JM, tá escrito Corinthians ali no papel?	
25	JM	Tá. Tá.	Faz sinal de positivo com a mão, mas continua mostrando-se impaciente
26		[...]	
27	JM	É... <b>mas é Zan...</b> eu num...	Faz sinal mostrando a boca, como dizendo que não sai
28		[...]	
29	Fono	Sr JM, o senhor me deu o gesto e falou o nome de um torcedor desse time! Tá certo!	
30	JM	Pois é:: mais agora eu queru:: eu quero... falá o nome dele.. o nome dessa...	
31	Fono	Desse time?	
32	JM	É! Mai aí:: eu vo... vo:: fala... só falo Zanclair! Eu ia falá...	
33	Estagiária 2	Sim, porque ele é um torcedor desse time.	
34	JM	<b>Zancla... aí, ta veno?</b>	
35	Estagiaria 2	Falar <i>Corinthias</i> ?	
36		[...]	
37	JM	<b>Iraci, Iraci... mas aqui! aqui:: Iraci::Ira...</b>	Impaciente
38	JM	<b>Zanclair...</b> não! Por que qui:: eu quiria fala esse nome e agora::	Enquanto escreve o nome
39	Fono	Corinthians?	
40	JM	Isto. Co-rin-thias, Corinthias... é só porque cê falô! Eu... Eu vi você... é.. eu fui falá, aí falô... agora:: <b>Otra vez, vai... Zan...</b>	sinal negativo com a cabeça ao perceber a troca
41	JM	<b>Co::i::-ta. Num adianta memo... Tan... i::...num vai... i... tan... num deu!</b>	Agitado e impaciente

Neste dado, há fenômenos interessantes ocorrendo, ao longo do processo em que JM está buscando produzir a palavra desejada, abrindo possibilidades para várias hipóteses. Não temos dúvida de que JM leu o que estava escrito e sabia que se tratava de seu time, o Corinthians.

A primeira hipótese seria que ele tenha tentado *ler a palavra* “Corinthians”, em vez de fazer o que fora anteriormente combinado (dar pistas para que a fonoaudióloga tentasse descobri-la). Já no turno 1, ele inicia dizendo *ce...* – o que poderia indicar que estivesse *soletrando* o início da palavra, hipótese plausível porque ocorre em outras situações no trabalho com esse sujeito; quando a palavra está presente na modalidade escrita, a sua materialidade serve como um *prompt* para o início da mesma. Em seguida, no mesmo turno, JM diz *san*, o que nos leva a pensar que possa ter produzido uma parafasia de natureza semântica, já que *Santos* é outro time de futebol frequentemente mencionado nas sessões do CCA.

Poderia, ainda, tratar-se da produção de uma parafasia fonológica, já que /san/ apresenta semelhança sonora com parte da palavra *Corinthians* (/ans/), hipótese também provável porque, logo após, produz /zin/, outro segmento com semelhança sonora contido na palavra *Corinthians* (/in/). Há ainda outra possibilidade – a de /san/ referir-se a /zan/, segmento inicial do nome de seu filho *Zanclair*, posteriormente produzido, e sobre o qual ele persevera (Turnos 7, 9, 21, 23, 27, 34, 38 e 40). Chama muito a atenção a dificuldade que JM enfrenta para inibir essa palavra, que traz à tona todos os enlaces mencionados por Luria (sonoros, conceituais, situacionais). É nesse sentido que consideramos esse dado singular. É importante ressaltar que JM tem “consciência”<sup>19</sup> de suas dificuldades e limites; por isso, mostra-se nervoso e chega a questionar a fonoaudióloga sobre o motivo de isso ocorrer, como quando diz: *Zanclair... não! Por que qui:: eu quiria fala esse nome e agora::*.<sup>20</sup>

Voltando ao que afirma Luria, sobre o fato de cada palavra envolver enlaces sonoros, conceituais e situacionais, também afetivos, vemos a transição de JM por vários nomes, que se substituem paradigmaticamente: *Corinthians* (palavra-alvo), *Zanclair* (o nome do filho), Iraci (nome da esposa), tendo estes dois últimos forte relação semântica (filho e esposa), as duas pessoas mais presentes em sua vida após o AVC. Finalmente consegue nomear o time, no turno 40, após ouvir a fono produzindo a palavra. Faz questão de repetir, mas, mesmo nesse caso, o que vem é o nome do filho, mostrando que esse enlace é muito forte.

Como podemos notar nesse Dado 2, as trocas realizadas por JM não são feitas aleatoriamente. Ao contrário, apresentam relações de várias naturezas, que só podem ser compreendidas quando analisadas microgeneticamente, seguindo os princípios teórico-metodológicos anteriormente descritos. Podemos notar que várias possibilidades se apresentam a JM e ele tem dificuldade para selecionar dentre elas. Avaliações metalinguísticas dificilmente propiciam esse tipo de dado, uma vez que a palavra-alvo é do teste, do investigador, e nunca do sujeito. Mesmo que parafasias dessa natureza sejam produzidas em situação de

---

19 Usamos aqui o termo “consciência” apenas para contrapor ao conceito de *anosognosia*, definido na literatura como “falta de consciência do déficit”.

20 A esse respeito, citamos um outro dado de afásico JM, quando queria dizer o nome de sua esposa e não conseguia. Nem mesmo o sintagma *minha esposa* ou *minha mulher* foi evocado. Em um esforço para se referir a ela, disse “a minha... veia”. Logo após, disse: “veia não... nossa...”, muito constrangido. Ficou evidente que ele não queria dizer a palavra *veia*, mas JM não conseguiu *conter* ou *inibir* essa seleção e produção.

teste, as análises privilegiam apenas a ocorrência quantitativa, geralmente com o objetivo de classificar os sinais em tipologias tradicionais. Perde-se a oportunidade, nesses casos, de se compreender justamente o processo. No último episódio (Dado 3), de um outro sujeito afásico – MG –, podemos observar que mesmo as expressões mais cristalizadas, como as que compõem os provérbios, são desestabilizadas nas afasias. Na interação, Imv retoma o mesmo provérbio discutido no Dado 1:

**Dado 3: Em briga de marido e mulher, não mexa a coelha, a colher**

Turno	Sigla do locutor	Transcrição	Observações
1	Imv	Em briga de marido e mulher...	
2	MG	Não mexa... Como é que é... Mexa... Não mexa a... coelha... colher.	Hesitante
3	Irn	Ah... Não se meta com a briga [...] Você consegue melhorar, então, isto que você disse? Em briga de marido e mulher, não <b>mexa</b> a colher. Depois você disse; Não se meta na briga. Então refaz o provérbio. Em briga de marido e mulher, ninguém...	
4	Imv	Putz...	
5	MG	Não <b>meta</b> ... Não se <b>meta</b> na briga.	
6	Imv	Isso!	
7	Imv	Em briga de marido e mulher, ninguém...	
8	MG	Ninguém... É isso que não fixo, ou não lembro, mesmo se eu montar agora; depois você vai perguntar – Faz isso de novo... Pode ser que, muito raramente, vou conseguir ... Se estiver escrito, eu vou falar. Já sei... tal. Mas se tiver que ...	
9	Imv	[...] Então vou fazer de outra forma. O senhor me disse assim: Em briga de marido e mulher, ninguém mexe...	
10	MG	A briga	
11	Imv	Ninguém <i>mexe a colher!</i>	Retomando o enunciado de MG no Turno 2.
12	MG	Isso... Quer dizer que... Se eu estou brigando com ela, ninguém se meta. Vamos resolver nossos problemas, depois... Vai pra frente.	
13	Imv	Só tem uma palavrinha aí, que não era. Uma só. Então vou fazer... dessa forma... pra ver se o senhor pega a palavra: Em briga de marido e mulher, ninguém <b>tã rã</b> ... a colher. Ninguém...	
14	MG	Mete?	
15	Irn	Uhum!.	
16	Imv	Muito bom... Em briga de marido e mulher...	
17	MG	Então, mas eu não pensei. Se você quer saber, eu não pensei. Ele saiu... Entendeu a...	Faz um gesto indicando que se trata de algo minucioso.
18	Irn	Porque é cristalizado, é isto mesmo, ele vem...	

Já no início da interação, ao tentar produzir *colher*, MG produz *coelha*, uma troca sonora, aparentemente. Neste mesmo turno, em vez de dizer *mete* (ou *meta*, numa variação do mesmo provérbio), MG produz *mexe*. Temos, novamente, um exemplo de parafasia em que, apesar de haver uma proximidade sonora, pode também se referir a uma relação semântica, já que a *colher* também serve para “mexer coisas”. Delimitar o contexto gramatical no qual a palavra se encontra, como Imv fez no turno 13: “**ninguém tãã... a colher**”, parece ter auxiliado o sujeito na seleção da forma correta, a julgar pelo comentário feito por MG – *Então, mas eu não pensei. Se você quer saber, eu não pensei. Ele saiu... Entendeu a...*

A explicação relativa ao fato de que o contexto gramatical mais amplo (sintagmático) facilita a seleção adequada da palavra-alvo (eixo paradigmático) é que os dois eixos, no funcionamento da linguagem, são projetados um sobre o outro (JAKOBSON, 1954; COUDRY, 2002); isto é, as operações de seleção e combinação são simultâneas.

### Considerações finais

Na perspectiva enunciativo-discursiva dos estudos neurolinguísticos, analisamos não só o contexto estrutural de ocorrência de uma palavra (seu lugar no enunciado, sua função gramatical), buscando entender como a *língua* foi impactada pela afasia, mas também nos interessamos, sobretudo, pelo contexto discursivo, pela linguagem *em funcionamento*, que é o que de fato contribui para compreendermos *processos* subjacentes à ocorrência de fenômenos como a produção de parafasias e a dificuldade para encontrar palavras, dentre outros.

Os três dados analisados ilustram os princípios teórico-metodológicos abordados neste artigo. Em primeiro lugar, destacamos a complexidade neurofuncional, discutida por Luria, que afirma que o córtex cerebral trabalha submetido à ação de forças que ele chama de “forças de estímulos importantes”, que provocam reações fortes, e “forças de estímulos insubstanciais”, que provocam reações fracas. Nos casos que não envolvem patologias, essas forças agiriam no processo de inibição dos enlaces sonoros e semânticos no momento de seleção da palavra desejada, dentre todas as possíveis relacionadas a ela. Esse funcionamento pode estar comprometido, por exemplo, nos casos em que os sujeitos estejam submetidos a situações de estresse ou com a atenção alterada. Nas patologias, os dados nos mostram que isso ocorre com grande frequência<sup>21</sup> – muitas vezes, o tempo todo. As análises buscaram dar visibilidade a alguns dos processos subjacentes às dificuldades para encontrar palavras e à produção de parafasias – sejam elas produzidas por motivação sonora, semântica ou situacional e ainda de natureza afetiva.

Não poderíamos deixar, neste artigo, de tecer algumas considerações relativas ao papel dos interlocutores não-afásicos, tanto na organização dos turnos dos afásicos, quanto pelo fato de se constituírem como verdadeiros *parceiros da comunicação verbal* (cf. BAKHTIN, 1997), auxiliando-os no trabalho sobre os recursos da língua para construírem seus enunciados e para que continuem sendo *sujeitos da linguagem*. Um exemplo claro disso é quando Irf, no Dado 2, percebendo a dificuldade de JM para produzir a palavra-alvo

---

21 Em alguns casos, mais severos, os sujeitos se restringem à produção de *enunciados holofrásticos* (com uma só palavra), de estereotípias (uma única palavra ou segmento recorrente) ou *automatismos* (expressões cristalizadas que se repetem: “Oh meu Deus”, “Como é que chama?” etc.).

(Corinthians) e o fato de perseverar em “Zanclair”, toma esse enunciado como sendo uma “dica” para que adivinhasse a palavra “Corinthians” (Turnos 10 ao 20), atribuindo a ele um papel ativo no jogo da linguagem, evitando que ele desistisse de seu *querer-dizer* (cf. BAKHTIN). Vale mencionar que o episódio interativo relativo ao Dado 2 durou cerca de quarenta minutos, ao longo dos quais JM apresentou grande sofrimento por sua condição.

Essa postura dos interlocutores/pesquisadores na pesquisa de orientação enunciativo-discursiva é uma demanda da própria abordagem; decorre da concepção de língua, de funcionamento cerebral e do papel ético que desempenhamos quando estamos lidando com sujeitos que sofrem (BAKHTIN, 2010). Segundo Freitas (2010), essa deve ser a postura do investigador em Ciências Humanas, que não pode se restringir a um ato contemplativo, como nas Ciências Naturais, nas quais o pesquisador observa um objeto do mundo e o contempla, falando depois sobre ele. Quando trabalhamos com o objeto das Ciências Humanas – o homem – o pesquisador não *fala dele*, mas *fala com ele* e ambos se transformam nessa relação.

Encerramos este artigo com as palavras de Lyon (1999, p. 689), autor que sintetiza a relação das teorias com as práticas desenvolvidas com sujeitos afásicos: “clinical constructions and solutions will not endure – no matter how good, valid or accurate – unless the living of life is measurably and decisively better for those who we treat”.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. Fonologia e Fonética. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPY, M. (Orgs.). *A palavra e a frase*. São Paulo: Pontes, 2006. p. 39-74.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. Tradução feita a partir da versão em francês por PEREIRA, M. E. G. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 277-326.

\_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2010.

BASILIO, M. . *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática, 1995.

COUDRY, M. I. H. *Diário de Narciso – discurso e afasia*. Campinas: Martins Fontes, 1988.

\_\_\_\_\_. O que é dado em Neurolinguística. In: CASTRO, M.F.P. (Org.) *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 179-194.

\_\_\_\_\_. Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva da Neurolinguística. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, v. 42, 2002, p. 99-129.

COUDRY, M. I. H.; MORATO, E. Aspectos discursivos da Afasia. *Caderno de Estudos Linguísticos*, v. 19, p. 127-145, 1990.

DAMASIO, A.; TRANEL, D. Nouns and verbs are retrieved with differently distributed neural systems. *Neurobiology*, v. 90, USA: Proc. Natl. Acad. Sci, p. 4957-4960, 1993.

DAMASIO, H. et al. A neural basis for lexical retrieval. *Nature*. USA: Elsevier, v. 380, p. 499-505, 1996.

DAMASIO, H.; TRANEL, D.; GRABOWSKY, T. Neural systems behind word and concept retrieval. *Cognition*, v. 92, USA: Elsevier, p. 179-229, 2004.

FREITAS, M.T.; RAMOS, B. (Orgs.) *Fazer pesquisa na abordagem histórico-cultural: metodologias em construção*. Juiz de Fora, MG: Editora da UFJF, 2010.

GÓES, M. C. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. *Cadernos CEDES*, n. 50, p. 9-25, ano XX, 2000.

JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1954.

KEMMERER, D.; TRANEL, D. A double dissociation between the meanings of Action Verbs and Locative Prepositions. *Neurocase*, v. 9, n. 5, p. 421-435, 2002.

LURIA, A. R. *Fundamentos de Neuropsicologia*. São Paulo: Cultrix, 1981.

\_\_\_\_\_. *Pensamento e Linguagem: As últimas conferências de Luria*. São Paulo: Artmed, 1986.

LYON, J. A commentary on qualitative research in aphasia. USA: *Aphasiology*, v. 13, p. 9-11, 1999.

NOVAES-PINTO, R. *A contribuição do estudo discursivo para uma análise crítica das categorias clínicas*, 1999. Tese (Doutorado em Linguística. Área de Concentração: Neurolinguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

\_\_\_\_\_. A adoção de conceitos bakhtinianos para a análise de linguagem de sujeitos afásicos. *Revista Linguagem*, Macapá: Ed. ILAPEC, v. 1, n. 1, p. 111-148, 2004.

\_\_\_\_\_. Avaliação de compreensão de linguagem: análises de dados obtidos em baterias de testes neuropsicológicos versus análise de episódios dialógicos. *Veredas*, Juiz de Fora, MG, v. 10, p. 1-12, 2007.

\_\_\_\_\_. Acesso lexical: discussão crítica sobre as pesquisas nas neurociências contemporâneas. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 38, n. 2, p. 271-284, 2009.

\_\_\_\_\_. Desafios metodológicos da pesquisa em Neurolinguística no início do século XXI. *Revista de Estudos Linguísticos*, v. 40, n. 2, p. 967-980, 2011.

\_\_\_\_\_; SANTANA, A. P. A semiologia das afasias. In: MANCOPE, R.; SANTANA, A. P. (Orgs.) *Perspectivas na clínica das afasias: o sujeito e o discurso*. São Paulo: Editora Santos, 2009a. p. 18-40.

\_\_\_\_\_. Semiologia das afasias: uma discussão crítica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, UFRGS, v. 22, n. 3, p. 413-421, 2009b.

NUNES, M.H. Lexicologia e Lexicografia. In: GUIMARÃES, E.; ZOPPY, M. (Orgs.). *A palavra e a frase*. São Paulo: Pontes, 2006. p. 149-172.

TRANEL, D. A Neural Basis for the Retrieval of Words for Actions. *Cognitive Neuropsychology*, USA: Psychology Press, v. 18, n. 7, p. 655-570, 2001.

\_\_\_\_\_. Neural correlates of naming animals from their characteristic sounds. *Neuropsychologia*, USA, Elsevier, v. 41, p. 847-854, 2003a.

\_\_\_\_\_. Neural correlates of conceptual knowledge for actions. *Cognitive Neuropsychology*, USA, Elsevier, v. 20, p. 409-432, 2003b.

\_\_\_\_\_. Effects of noun-verb homonymy on the neural correlates of naming concrete entities and actions. *Brain and Language*, USA, Elsevier, v. 92, p. 288-299, 2005.

\_\_\_\_\_; KEMMERER, D. Neuroanatomical Correlates of Locative Prepositions. *Cognitive Neuropsychology*, USA, Elsevier, v. 21, n. 7, p. 719-749, 2004.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.